

1

Arqueología Medieval



EDICIONES AFRONTAMIENTO

ALMOCAVAR DE MOURA LOCALIZAÇÃO E EPIGRAFIA

ARTUR GOULART DE MELO BORGES

SANTIAGO MACIAS

Em princípios de Agosto de 1970 procedeu-se à obra de ampliação de uma oficina de reparação de automóveis localizada na Rua do Sequeiro, em Moura, tendo surgido nesse local um conjunto de sepulturas que foram na altura datadas da época visigótica ou dos inícios do período islâmico e no qual estariam, em princípio, sepultados «elementos árabes», de acordo com o *Diário do Alentejo* de 7/8/1970.

Um estudo atento da localização do suposto cemitério visigótico, conjugado com a análise do mapa elaborado por João da Mouca nessa altura, permite-nos perspectivar o problema de uma forma diferente e propor a classificação do achado como sendo o almocavar (árabe al-maqbara) ou cemitério islâmico de Moura.

1. CEMITÉRIOS ISLÂMICOS

Os cemitérios islâmicos seguiram, na Península Ibérica, a tradição romana e paleocristã de proceder à inumação dos cadáveres fora das portas da cidade, junto às estradas. A cidade dos mortos ficava, assim, completamente separada do ponto de vista físico do mundo dos vivos.

A informação que se dispõe sobre os almocavares peninsulares não é abundante: para além das referências documentais recolhidas por Torres Balbás (1985: 235-280) são poucas as necrópoles escavadas de forma sistemática e publicadas - Murcia (Navarro Palazon, 1985: 8-34), Toledo (Juan Garcia, 1985: 641-654), Castell de la Suda - Tortosa (Curto Homedes, 1985: 655-665), Cabezo de Aljezar - Murcia (Sanchez Pravia, 1987: 149-156) e Calatrava la Vieja (Prieto Vasquez, 1988: 125-135) são alguns dos escassos exemplos existentes. Em Portugal, o panorama é significativamente pior: para além da referência ao almocavar de Lisboa (Torres Balbás, 1985: 239), o qual dava o nome a uma das portas da cidade, temos aparentemente confirmados dois enterramentos islâmicos em Conimbriga (Retuerce Velasco, 1987: 75), bem como a localização do cemitério islâmico de Mértola, situado sobre as antigas basílica e necrópole paleocristãs (junto à via para Beja), e presentemente a ser escavado pelo Campo Arqueológico de Mértola.

No período pós-Reconquista dispomos ainda de referências documentais aos cemitérios das comunidades mouras de Elvas (Barros, 1936: 211-212), Colares (Viterbo, 1907: 252) e Lisboa (Viterbo, 1907: 247).

São mais frequentes as referências a lápides funerárias, as quais indicam, certamente, o local de outras tantas necrópoles: Alcácer do Sal, Beja, Castro da Cola, Évora, Frielas, Lisboa, Ourique, Salir e Silves (Barceló, 1987), havendo ainda a registar o aparecimento de uma lápide funerária, que se encontra inédita, nas escavações do Castelo de Noudar.

2. RELATOS SOBRE O ACHADO

As descrições do achado arqueológico de Moura são curtas e imprecisas não tendo sido possível localizar qualquer registo que contribua para uma interpretação rigorosa. O presente trabalho assume, neste ponto, contornos que se aproximam mais do método dedutivo policial do que de investigação científica...

Faltam designadamente informações sobre a extensão da necrópole, sobre o número de enterramentos (o mapa existente regista apenas nove sepulturas mas há razões para crer que muitas outras terão sido destruídas).

Não foi possível localizar o espólio osteológico e a documentação fotográfica a que alude o *Diário do Alentejo*, (11/11/70), baseando-se o presente estudo no mapa elaborado na altura, e em dois dados que assumem, conforme veremos, particular importância:

- A posição dos corpos, descrita nas notícias jornalísticas como «violenta»
- A pouca largura das sepulturas, facto atribuído a um hipotético enterramento no local de «mutilados ou condenados».

A descoberta de várias epígrafes funerárias árabes ocorrida de forma accidental e em diferentes épocas a curta distância deste local reforça seriamente a hipótese de se estar perante o cemitério islâmico de Moura.

3. ALMOCAVAR DE MOURA

A localização deste conjunto de nove sepulturas (à saída da cidade, junto à antiga estrada para Évora) (fig. 1) constitui, à partida, um indicador de que se poderia estar em presença de uma necrópole romana ou islâmica. Dados complementares levam-nos a optar por esta segunda hipótese:

1: A orientação das sepulturas, dispostas na direcção SW-NE, é tipicamente islâmica, conforme se pode constatar nos

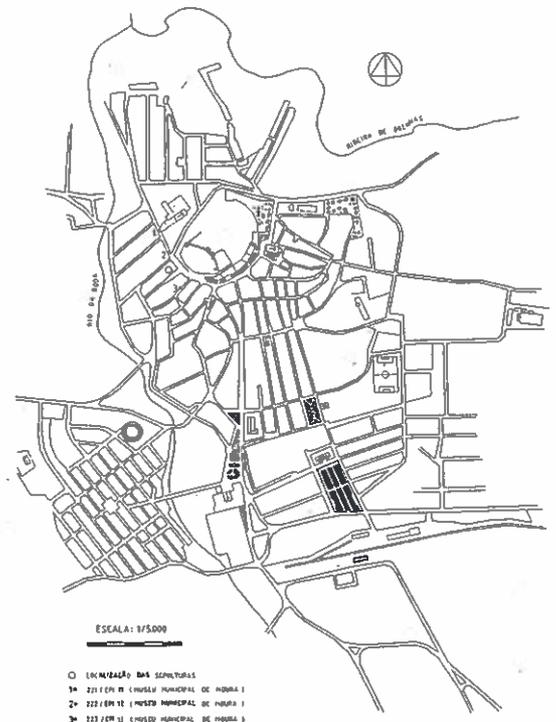


Fig. 1: Mapa de Moura.

almocavares já escavados e acima mencionados.

Os corpos teriam sido depositos na posição decúbito lateral direito, com a cabeça a SW e voltada para nascente. Tal facto invulgar para os jornalistas da altura, tê-los-á levado a classificar tal forma de inumação como «violenta» (figs. 2 e 3).

2: A pouca largura das sepulturas (0.35m) é um facto decorrente dessa forma de enterramento.

Essa hipótese é-nos confirmada pelos dados doutras estações arqueológicas peninsulares: em Calatrava la Vieja, as sepulturas têm 0.30m de largura e em Cabezo de Aljezar entre 0.27m e 0.40m, medidas que se aproximam das de Moura.

Também o comprimento das sepulturas de Moura (1.70m) é semelhante ao de Calatrava la Vieja (1.60m e 1.80m), o mesmo se verificando em relação à profundidade dos enterramentos: 0.40m em Moura, entre 0.35m e 0.65m em Cabezo de Aljezar e 0.25m e 0.30m em Calatrava la Vieja.

Não nos é possível avançar com qualquer hipótese em relação à tipologia de construção das sepulturas de Moura: a referência a «tijolos» surgida no *Diário do Alentejo* (11/11/1970) é insuficiente para tirar quaisquer conclusões, o mesmo se passando em relação à «sepultura coberta» referida no mapa.

As notícias jornalísticas mencionam ainda a existência de corpos mutilados. Não se especifica que tipo de mutilação se verificou, nem se avançou qualquer proposta de explicação para esse facto. Tanto quanto nos é dado ver, poderão ser atribuídas a uma possível sobreposição de enterramentos ou, inclusivamente, à danificação das ossadas durante a escavação.

4. EPIGRAFIA

Em locais relativamente próximos do almocavar (ver mapa anexo) foram encontradas três lápides árabes que tudo leva a crer lhe tenham pertencido. Estão hoje expostas no núcleo islâmico do Museu de Moura.

São conhecidas em Moura outras três lápides com inscrições árabes. Uma, hoje na fonte do castelo, é a inscrição comemorativa da construção duma torre por Al-Mu^ctadid, filho do fundador da dinastia dos abádidas de Sevilha, após a conquista de Moura, e é datável de 444 H/1052 JC. As outras duas foram encontradas, uma na Ladeira do Carmo e outra na Quinta dos Frades, no início dos anos 40 e referenciadas pelo Dr. Fragoso de Lima (1944) como inscrições tumulares. Infelizmente, acabaram por desaparecer sem terem sido estudadas e publicadas.

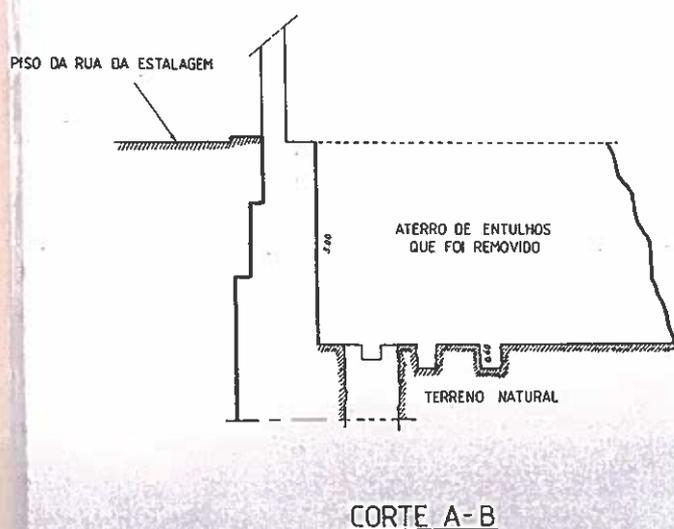


Fig. 2: Mapa da necrópole (corte).

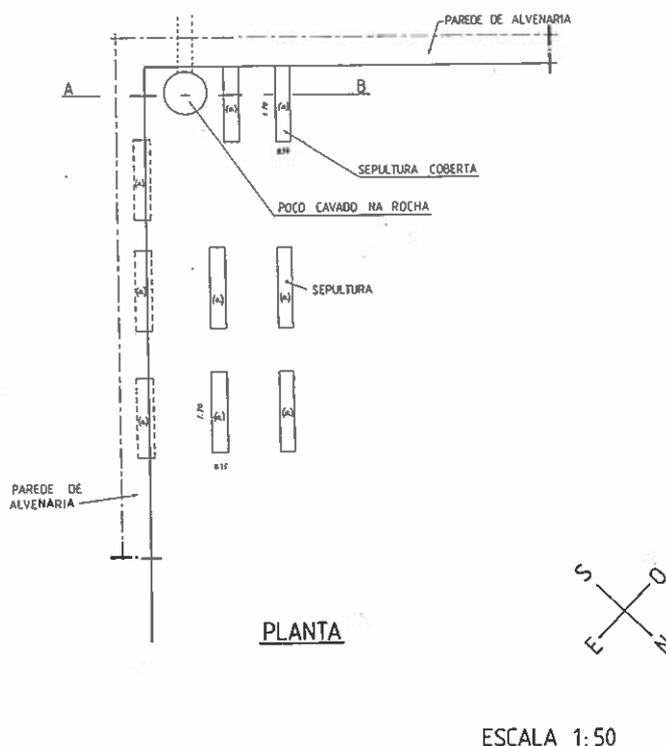


Fig. 3: Mapa da necrópole (planta).

4.1. Lápide (nº inv. 222/EPI 12) (Fig. 4)

Trata-se duma lápide de 40x46 cm, com 6 cm de espessura, fragmentada do lado direito e totalmente preenchida pela inscrição em cinco linhas, em cúfico simples, de paginação pouco cuidada. Infelizmente, o mau estado de conservação, com um desgaste irregular e inúmeras fracturas do relevo, tem dificultado até agora a sua leitura. Apenas o tipo de letra, das poucas totalmente completas, permite avançar, embora com reservas, uma datação entre os finais do séc. XI e meados do XII.

4.2. Lápide com dupla inscrição (nº inv. 223/EPI 13) (Fig^{as}. 5 e 6)

Fragmento de 25x33 cm com 6 cm de espessura, epigrafado nas duas faces, com parte das duas primeiras linhas e vestígios de uma terceira, escrito num cursivo muito rudimentar com dimensão desproporcionada de algumas letras, formato anguloso do *Wāw* e *qāf* e uso de sinais diacríticos.

esta não



Fig. 4

Face A — Não há vencedor senão Deus e não há força e não há poder senão em Deus.

Face B — Não há Deus senão Deus e Muhammad o enviado de Deus.

1 لا غالب الا الله و لا
2 حول ولا قو [هـ]
3 [الا بالله]

1 لا اله الا الله
2 رسول [الله]

№ 1 (E) 40% [...] 3

Fig. 5



Para além da profissão de fé de todo o muçulmano, na face B, lê-se na face A o lema dos reis de Granada. É uma frase que começa a ser utilizada como tal após a rendição de Sevilha em 1248, quando Ibn Ahmar retorna vencedor a Granada, o que permite datar esta lápide dos finais do séc. XIII ou talvez já do XIV.

O uso deste lema, com um relevo semelhante à aclamação de fé tradicional, é significativo nas comunidades mouras situadas em território cristão, o que de alguma maneira demonstra a influência e provavelmente até as estreitas relações mantidas com a comunidade granadina.

Exemplo característico é a do castelo do Alandroal, no início do séc. XIV, que começa com o lema dos reis de Granada em árabe transcrito em letras latinas e termina já em português «por quem ele for, esse vencerá, eu mouro Calvo fui mestre de fazer este castelo de Landroal» (Vasconcelos, 1916: 177-179; Espana, 1978: 7).

Uma lápide como esta, gravada nas duas faces, foge ao procedimento habitual. Poderia tratar-se ou de um mero ensaio de escrita ou talvez duma lápide fúnebria, que pela colocação na vertical junto à sepultura permitia uma leitura nos dois lados, embora, mesmo neste caso, seja na verdade uma excepção.

4.3. Epitáfio de Ismâ'îl b. Abi Abd Allâh al-Ansâri (n.º inv. 221/EPI 11) (Fig. 7)

Lápide rectangular, com as dimensões de 40x45 cm e a espessura de 7 cm, partida no canto superior esquerdo, o que impede a leitura pelo menos do final da primeira linha. A inscrição tem um total de cinco linhas, num cursivo pouco

Fig. 6



№ 2 (E) 41%

elegante com um alinhamento irregular. Apresenta algumas características magrebina, tais como a colocação do diacrítico no *fā* e a forma do *dāl*.

Embora a compressão e indefinição de algumas letras dificulte a leitura ⁽¹⁾, parece ser esta a mais provável:

1 توفي [...]
 2 ابو الوليد إسماعيل
 3 ابن أبي عبد الله
 4 الأزهاري في السابع عشر
 5 لشعبان تسعة و ستين و سبعمائة
 Nº 3 (F) 531.



Fig. 7

Morreu [...] Abu al-Walid Ismā'īl b. Abi Abd Allāh al-Ansāri em dezassete de Sa^cban de setecentos e sessenta e nove.

É um epitáfio de um desconhecido que, todavia, deixa entrever pela *nisba* — al-Ansāri — a origem nobre do seu possuidor. É uma *nisba* não muito frequente na epigrafia peninsular, mas que aparece em Almeria (Ocaña Jimenez, 1964: 23, 34 e 42) e Mértola (Barcelo, 1987: 412).

Quanto à datação, 17 de Sa^cban de 769, corresponde no calendário cristão a uma sexta-feira, 7 de Abril de 1368. Estava então em pleno florescimento o reino de Granada e em Portugal reinava D. Fernando. Moura, reconquistada definitivamente em

1232, mantinha uma forte comunidade moura de que são testemunho os documentos reais a ela destinados, sobretudo no reinado de D. Dinis. Esta inscrição vem confirmar a importância dessa comunidade muçulmana e manifestar a permanência de costumes e de língua própria no que respeita à sepultura. Esta lápide e uma de Lisboa (Moita, 1967: 81-86) são até à data os dois únicos testemunhos epigráficos datados das comunidades mouras do século XIV em território português.

BIBLIOGRAFIA

- BARCELÓ, Carmen e LABARATA, Ana 1987, «Inscripciones árabes portuguesas: situación actual» in *Al-Qantara*, vol. VIII, Madrid, pp. 395-420.
- BARROS, Henrique da Gama, 1936, «Comunas de judeus e comunas de mouros» in *Revista Lusitana*, vol. XXXIV, Lisboa, Liv. Clássica Editora, pp. 168-265.
- CURTO HOMEDES, Albert et alii, 1985 — «El cementeri musulmá del castell de la Suda Tortosa (Tarragona)» in *Actas del I Congreso de Arqueologia Medieval Española*, T. III, Zaragoza, pp. 655-665.
- ESPANCA, Túlio, 1978, *Inventário artístico de Portugal - distrito de Évora*, Vol. I, Lisboa.
- JUAN GARCIA, António de, 1985, «Enterramientos medievales en el circo romano de Toledo: estudio tipológico» in *Actas del I Congreso de arqueologia Medieval Española*, T. III, Zaragoza, pp. 641-654.
- JORGE ARAGONESSES, Manuel, 1966, *Museo de la muralla árabe de Murcia*, Madrid.
- LIMA, José Frago de, 1944, «Plano do arrolamento dos monumentos do concelho» in *Jornal de Moura*, nº 832 (4/3/44).
- MOITA, Irisalva, 1967, «Lápide funerária proveniente dum almocavar de Lisboa.», in *Revista Municipal*, 28 (114-115), Lisboa, pp. 81-86.
- NAVARRO PALAZON, Julio, 1985, «El cementerio islamico de San Nicolas de Murcia — memória preliminar» in *Actas del I Congreso de Arqueologia Medieval Española*, T. IV, Zaragoza, pp. 8-34.
- OCAÑA JIMENEZ, Manuel, 1964, *Repertorio de inscripciones nobres de Almeria*, Madrid, Granada.
- PRIETO VAZQUEZ, Germán et alii, 1988, «Dos tumbas de la maqbara de Calatrava la Vieja» in *Boletín de Arqueologia Medieval*, nº2, Madrid, pp. 125-135.
- RETUERCE VELASCO, Manuel, 1987, «El templen. Primer testimonio del telar horizontal en Europa?» in *Boletín de Arqueologia medieval*, nº 1, Madrid, pp. 71-77.
- RETUERCE VELASCO, Manuel e CANTO GARCIA, Alberto, 1987, «Apuntes sobre la ceramica medieval a partir de dos piezas fechadas por monedas» in *Actas del II Congreso de Arqueologia Medieval Española*, Vol. III, Madrid, pp. 93-104.
- ROSSELÓ-BORDOY, Guillermo, 1989, «Almacabras, ritos funerarios y organización social em Al-Andalus» in *Actos del III Congreso de Arqueologia Medieval Española*, Vol. I, Oviedo, pp. 151-168.
- SANCHE PRAVIA, José et alii, 1987, «Una necrópolis musulmana en el Cabezo de Aljezar (Ricote, Murcia)» in *Actas del II Congreso de Arqueologia Medieval Española*, Vol. III, Madrid, pp. 149-156.
- TORRES BALBAS, Leopoldo, 1985, *Ciudades hispanomusulmanas*, 2ª ed, Madrid, Instituto Hispano-Arabe de Cultura.
- VASCONCELOS, José Leite de, 1916, «Entre Tejo e Odiana», *O Arqueólogo Português*, Vol. XXI, pp. 152-195.
- VITERBO, Francisco de Sousa, 1907, «Ocorrencias da vida mourisca», *Arquivo Histórico Português*, Vol. V, Lisboa, pp. 247-265.
- Diário do Alentejo — 7/Agosto/1970 e 11/Novembro/1970.
- Jornal de Moura — 19/Setembro/1970.

(1) — Pelo apoio prestado, um agradecimento especial ao Prof. Doutor Adel Sidarus, da Secção de Estudos Árabes da Universidade de Évora.